

REVISTA ADVENTISTA

Director e Editor: ERNESTO FERREIRA

Administrador: P. BRITO RIBEIRO

CORPO DE REDACÇÃO: F. Cordas, E. Ferreira,
M. Laranjeira, M. Lourinho, F. Mendes e E. Miranda

Proprietária: UNIÃO PORTUGUESA
DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DE JOAQUIM BONIFÁCIO, 17 — LISBOA

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

TIPOGRAFIA GOMES & RODRIGUES, LDA,
RUA ENG. VIEIRA DA SILVA, 12-B — LISBOA

Número avulso 2\$00

Assinatura anual 20\$00

ANO XVIII

MAIO 1957

N.º 128

DIA DA VOZ DA PROFECIA E DA OFERTA PRÓ-RÁDIO

1 DE JUNHO DE 1957

Ao escrever estas linhas, tenho debaixo dos olhos os relatórios das nossas escolas bíblicas por correspondência, que melhoram de ano para ano. Os resultados obtidos em 1956 são uma nova prova do trabalho fiel e infatigável fornecido pelo pessoal do Departamento da Rádio e da Voz da Profecia, assim como da cooperação apreciada dos nossos evangelistas e obreiros nos diferentes campos.

O Senhor tem ricamente abençoado os esforços do seu povo em todos os países em que o trabalho da Rádio está organizado, e desejaríamos agradecer sinceramente aos nossos pregadores e membros leigos pela sua contribuição para os êxitos da Voz da Profecia.

Nossos pensamentos dirigem-se para os 48.118 alunos que, desde o início da obra da Rádio, seguiram até ao fim as lições que contêm a maravilhosa verdade destinada para os últimos tempos. No decurso dos anos, 8.640 desses alunos terminaram o curso por correspondência e obtiveram um diploma.

Pensamos também muito particularmente nas 3.898 pessoas que estudam a mensagem regularmente neste momento.

Que magnífico espectáculo seria para nós, se pudéssemos ver todos esses alunos reunidos numa só classe, com as suas Bíblias abertas e as lições do curso por correspondência diante deles para estudarem as nossas doutrinas fundamentais, como, por exemplo, a da próxima vinda de nosso Senhor.

Quão maravilhoso seria, também, poder reunir numa mesma capela as 1.386 almas ganhas para a verdade pelo trabalho da Voz da Profecia durante estes últimos dez anos, e ouvi-las

falar das ricas bênçãos recebidas e das belas experiências vividas graças à esta actividade.

Mas os directores dos nossos cursos bíblicos por correspondência desejariam ocupar-se de um número de alunos ainda maior, e conduzir mais almas para o Senhor. O dia 1 de Junho de 1957 será, pois, um dia consagrado à Voz da Profecia. Nessa altura, desejaríamos chamar de novo a atenção de todas as nossas igrejas para este ramo da obra.

As despesas ocasionadas pelas nossas emissões, pelo envio dos cursos, etc., nos diferentes países, obrigam-nos a renovar o nosso apelo ao espírito de sacrifício de nossos membros.

O alvo da colecta da rádio foi fixado este ano em 8.000 dólares. Esperamos que esta soma seja não só atingida, mas ultrapassada.

Estamos certos de que nossas igrejas estão dispostas a consentir uma vez mais neste esforço financeiro, e a colaborar no recrutamento de novos alunos para os cursos bíblicos.

Sé cada membro ganhasse, daqui até ao fim do ano, apenas quatro alunos, ficaríamos com, pelo menos, mais 10.000; centenas de almas seriam assim acrescentadas à Igreja.

Estamos gratos a Deus por o povo adventista se mostrar sempre disposto a novas restrições de ordem material e espiritual para o triunfo da tríplice mensagem.

Possa o dia da Voz da Profecia contribuir para suscitar um interesse cada vez maior por este abençoado trabalho, e que o ano de 1957 seja o de nossas maiores vitórias!

M. FRIDLIN

Secretário do Departamento da Rádio
Divisão Sul-Europeia

OS DONS QUE UNEM A IGREJA

Por W. AMUNDSEN

Os dons que Deus «deu aos homens» visavam unir a Igreja num só corpo espiritual de que Cristo devia ser a cabeça.

«E Ele mesmo deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e doutores, querendo o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo; até que todos cheguemos à unidade da fé, e ao conhecimento do Filho de Deus, a varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo. Para que não sejamos mais meninos inconstantes, levados em roda por todo o vento de doutrina, pelo engano dos homens que com astúcia enganam fraudulentamente. Antes, seguindo a verdade em caridade, cresçamos em tudo n'Aquele que é a cabeça, Cristo. Do qual todo o corpo, bem ajustado, e ligado pelo auxílio de todas as juntas, segundo a justa operação de cada parte, faz o aumento do corpo, para sua edificação em amor». Efes. 4:11-6.

Conant, comentarista bíblico, declara acerca destes versículos: «Esta passagem ensina tão claramente quanto o pode fazer a linguagem humana, que o Senhor deu evangelistas, pastores e doutores ao Seu povo para o instruir e o aperfeiçoar na obra da salvação das almas. Os pastores e evangelistas não foram postos nos seus cargos para serem ganhadores de almas profissionais mas para trabalharem no aperfeiçoamento do povo de Deus na obra que lhe compete em relação ao testemunho e à salvação das almas. O pastorado não é um posto religioso de conferencista, é um posto espiritual de general».

A unidade da Igreja não pode obter-se senão pela união dos pastores e dos leigos. O corpo de Cristo não está dividido. Da mesma maneira, a Igreja constitui um todo compreendendo uma cabeça e um corpo, compondo-se este último de vários membros conduzi-

dos «por um só e mesmo Espírito» que os coloca sob a direcção da cabeça, a saber, Cristo.

O corpo de Cristo deve edificar-se pela associação dos membros. Proceder a essa edificação é sinónimo de desenvolvimento, passagem da estatura de criança para a de homem adulto, crescimento da Igreja até que atinja «a medida da estatura completa de Cristo». Este é um ideal elevado posto pelo Senhor perante Seus discípulos. Os pastores, os evangelistas, os profetas e os doutores têm o poder de conduzir o resto do rebanho a fim de que o atinjam gradualmente. Alguns fiéis receberam maior responsabilidade do que outros. Não se pode pedir à mão que faça o trabalho do pé, e todavia o pé é uma parte importante do corpo. O olho não pode exercer a função do ouvido, mas ambos estes órgãos desempenham um grande papel, e se um deles vem a faltar segue-se grande dificuldade. As vísceras são igualmente necessárias, pois que Deus lhes assinalou o seu lugar; alguns órgãos são pequenos, outros são grandes; alguns têm uma função mais dominante do que outros e parecem revestir mais importância, e no entanto todos são úteis.

Temos muitas vezes ouvido que o trabalho missionário médico constitui o braço direito da mensagem; ele não é, porém, o corpo; é apenas uma parte, que se subdivide ainda em «dedos». Tem por função abrir o caminho ao «corpo», assim como de o proteger. Pertence ao sistema defensivo e ofensivo. Mencionamos este exemplo para ilustrar o objectivo de certos membros do corpo da Igreja, a fim de que compreendamos que estes devem cooperar entre si, e não dar provas de um espírito de domínio ou de rivalidade.

É interessante estudar alguns dos métodos que empregavam Paulo e seus associados nos seus trabalhos junto dos membros.

«Quando homens de futuro e de talento, como sucedia com Timóteo, se convertiam, Paulo e Barnabé procuravam antes de mais nada, e com um fervor especial, mostrar-lhes a necessidade de trabalhar na vinha do Senhor. E quando os apóstolos se dirigiam para outra parte, a fé de tais homens não vacilava, mas, pelo contrário, aumentava. Fielmente instruídos nos caminhos do Senhor, sabiam como trabalhar com desinteresse, zelo e perseverança para a salvação dos seus irmãos. Este ensino que procurava seguir com cuidado o desenvolvimento dos primeiros cristãos, foi um factor importante dos êxitos notáveis que acompanhavam Paulo e Barnabé na sua pregação do Evangelho em terra pagã». — *The Acts of the Apostles*, págs. 186, 187.

Foi o Espírito Santo que decidiu o envio de Paulo e de Barnabé, assim como era Ele que operava na Igreja sobre a qual Deus tinha feito repousar os Seus dons.

«E na igreja que estava em Antioquia havia alguns profetas e doutores, a saber: Barnabé e Simão, chamado Niger, e Lúcio Cireneu, e Manahen, que fora criado com Herodes o tetrarca, e Paulo. E, servindo eles ao Senhor, e jejuando, disse o Espírito Santo: Apartai-me a Barnabé e a Paulo para a obra a que os tenho chamado. Então, jejuando e orando, e pondo sobre eles as mãos, os despediram». Act. 13: 1-3.

Não foram Paulo e Barnabé que pediram à Igreja para os enviar, como ministros de Deus, a proclamar o Evangelho aos pagãos, mas foi a Igreja, que, por intermédio dos membros que possuíam certos dons, ouviu a voz do Espírito Santo dirigir a obra do «corpo».

Notai que nesta altura havia «profetas e doutores» na igreja de Antioquia, e que Paulo e Barnabé foram consagrados para o

santo ministério e se tornaram assim pastores e evangelistas, em harmonia com o conselho de Deus. Sem dúvida que, daqueles cujo nome é citado nestes versículos, outros membros tinham estado presentes, e tinham unido a sua voz ao voto da Igreja quando ela decidiu enviar os seus representantes.

Ninguém procurou estabelecer qualquer superioridade; houve certamente unidade de objectivo; doutra sorte, a voz do Espírito Santo não se teria feito ouvir.

Os profetas, os doutores, os pastores, os evangelistas e os outros membros não formavam senão um só corpo em Cristo. Foi o Espírito Santo que declarou: «Apartai-me a Barnabé e a Paulo para a obra a que os tenho chamado». Vale a pena sublinhá-lo. A Igreja estava colocada sob o controle directo do seu chefe representado pelo Espírito Santo, a terceira pessoa da divindade. Quando os homens começaram a atribuir-se as prerogativas divinas, no que respeita a direcção do corpo — a Igreja, o Espírito Santo não pôde controlar por mais tempo os movimentos desta. Foi essa a causa da apostasia nascente e da retirada, por Deus, de uma parte dos dons que Ele tinha dado ao Seu povo. Os homens continuaram a ocupar-se de problemas essencialmente cristãos, mas embora tivessem a aparência de piedade faltava-lhes «a eficácia dela».

Foi sob a influência do Espírito Santo que Lucas, o médico, se uniu a Paulo para se dedicar ao trabalho missionário médico. «Lucas, o autor do evangelho que traz o seu nome, foi um missionário médico. Nas Escrituras ele é chamado o «médico amado». O apóstolo Paulo ouviu falar do seu talento de médico e compreendeu que o Senhor lhe tinha confiado uma obra especial. Assegurou-lhe o seu concurso, e dele fez, durante algum tempo, seu companheiro de viagem. Em seguida, Paulo deixou Lucas em Filipos, na Macedónia, onde continuou a exercer a medicina durante vários anos ao mesmo tempo que pregava o Evangelho. Tratava dos doentes e ora-

va em seguida para que o poder curador de Deus repousasse sobre os aflitos. Assim era aberto o caminho para a proclamação do Evangelho». — *A Ciência do Bom Viver* págs. 117, 118.

Temos aqui um exemplo positivo da colaboração do médico, a que foi conferido um dom especial do Espírito, e do pastor evangelista. É a união que existia entre estes primeiros obreiros que é devido o êxito da Igreja de então. O plano de Deus foi sempre que a cura do corpo e a da alma fossem a par. O trabalho missionário médico de Lucas serviu para abrir as portas à apresentação do Evangelho.

«Tinha sido confiada à Igreja uma tarefa que devia desenvolver-se sem cessar. O estabelecimento de centros de luz e de bênção por toda a parte em que almas honestas desejavam dedicar-se ao serviço de Cristo». — *Acts of the Apostles*, pág. 90.

Devemos considerar outro aspecto importante do programa que esta igreja unida tinha estabelecido em favor da salvação das almas. Novos membros eram constantemente acrescentados à Igreja como se prova pelos versículos seguintes:

«A multidão dos que criam no Senhor, tanto homens como mulheres, crescia cada vez mais». Act. 5:14.

«E muita gente se uniu ao Senhor». Act. 11:24.

«E a palavra de Deus crescia e se multiplicava». Act. 12:24.

Mas a glória deste êxito não era atribuída aos homens, porque está escrito: «Todos os dias acrescentava o Senhor à Igreja aqueles que se haviam de salvar»; e ainda, falando-se da obra realizada em Antioquia: «A mão do Senhor era com eles; e grande número creu e se converteu ao Senhor».

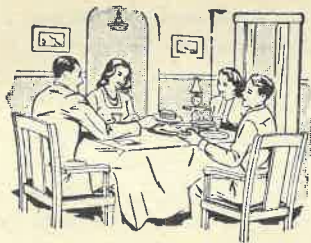
A Igreja era o corpo de Cristo e a este «corpo» acrescentavam-se «todos os dias» novos membros graças ao ministério do Espírito Santo que utilizava os homens e mulheres a quem Deus tinha conferido os «dons».

Um autor escreveu acerca dos apóstolos: «Deus fez os leigos — os homens fizeram o resto. Segundo Actos 6:1-6; Tiago 5:14; Efésios 4:1-13, compreendemos que na sua origem a Igreja cristã não era organizada mas parecia simplesmente incumbir aos apóstolos o servir aos seus irmãos na fé».

Eis o que a White declara acerca da fonte em que esses homens, apóstolos e leigos, hauriam a força com que testemunhavam do Salvador: «Depois da ascensão de Cristo, os discípulos uniram-se num só lugar para dirigir uma humilde súplica a Deus. E depois de passarem dez dias buscando ao Senhor com todo o seu ser, e de fazerem o seu exame de consciência, estava preparado o caminho para a efusão do Espírito Santo naqueles templos purificados e consagrados. Todos os corações estavam cheios do Espírito, como se Deus tivesse querido mostrar aos Seus que era Sua prerogativa conceder-lhes a mais preciosa das bênçãos celestes... A espada do Espírito cintilou de todos os lados. Novamente investida de poder ela penetrou até separar a alma e o espírito, as juntas e medulas. A idolatria que se tinha misturado com a adoração santa do povo foi posta de lado. Um novo território se acrescentou ao reino de Deus. Lugares áridos e desolados ressoaram com os louvores do Senhor». — *Review and Herald*, 10 de Junho de 1902.

Assim Deus respondeu à oração do Seu Filho Jesus e enviou o Espírito Santo tanto sobre os leigos como sobre os apóstolos. A Igreja partiu como vencedora e para vencer, montada num «cavalo branco». A sua pureza era a sua poderosa arma defensiva.

A rivalidade era uma coisa desconhecida logo depois do Pentecostes. A ideia de conquistar o mundo para Cristo obsediava cada membro e cada ministro de Deus, e todos se consultavam acerca dos melhores métodos a empregar para ganhar almas para o Salvador. É assim que se devia passar em nossos dias.



O LAR CRISTÃO

PARA UM MATRIMÓNIO FELIZ

Por HAROLD SHRYOCK

Deus ceseja que os seres humanos sejam felizes. A entrada do pecado no Mundo diminuiu muito a soma de alegria acessível à humanidade, mas o objectivo de Deus continua sendo o mesmo: a felicidade do homem.

A mais importante fonte de felicidade do homem prevista no plano divino, depois das relações com Deus, é a instituição do matrimónio. Provendo para Adão uma ajudadora semelhante a ele, Deus deu-lhe uma companheira que devia estar unida a ele em amor e simpatia, se manteria a seu lado como sua igual e seria o seu segundo eu. Deus queria que existissem nesta relação uma união íntima e uma ligação afectuosa.

Pensamos muitas vezes no casamento como sendo primeiramente uma relação humana. Mas é um facto que o matrimónio deve a sua origem ao Criador do universo. Isso não significa apenas que ele tem a sanção ou autorização divina. Foi divinamente instituído para a felicidade e o bem-estar da humanidade. «Quando os divinos princípios são reconhecidos e seguidos, o matrimónio é uma bênção. Preserva a pureza e a felicidade da raça, satisfaz as necessidades sociais do homem, eleva a sua natureza física, intelectual e moral.» — *Patriarcas e Profetas*, pág. 26.

Certamente temos ouvido dizer que uma família cristã devia ser um pequeno paraíso na Terra. Esta é uma figura de linguagem bem apropriada. Um lar próspero é aquele em que a alegria e a cordialidade existem mesmo em presença dos problemas da vida cotidiana. Uma casa que se levanta como um símbolo do Céu é aquela em que os membros, entregando-se alegremente às ocupações ordinárias, desenvolvem ao mesmo tempo

uma personalidade e um carácter dignos da vida eterna. Cultivarão virtudes cristãs de tal maneira que outros, ao observá-los, se sentirão inspirados a imitá-los. Desta maneira o casamento, que é o fundamento do lar, torna-se «o que era no propósito de Deus, um agente para a bênção e o progresso da humanidade. Assim as famílias na Terra, pela sua unidade, paz e amor, podem representar a família celeste.» — *The Adventist Home*, pág. 100.

A juventude é naturalmente alegre e optimista. Algumas das duras realidades da vida não a impressionaram ainda seriamente. Com a abundante energia que possui, tende a minimizar os problemas da vida. Sabendo que outros antes dela experimentaram decepções, segue sempre as suas próprias tendências e considera-se como a excepção. Está certa de ser capaz de encontrar meios que não lhe tragam senão felicidade.

Um jovem fecha os olhos à possibilidade de ser decepcionado especialmente no domínio do matrimónio. Com candura, supõe que na união conjugal há uma acção mágica que fará dele e do seu cônjuge companheiros ideais. Durante o período do noivado, os futuros esposos não vêem senão características agradáveis das suas personalidades. Se se chama a sua atenção sobre algumas imperfeições, esse pensamento é posto rapidamente de lado com a esperança de que tais defeitos se desvanecerão perante o calor da intimidade.

Um jovem ao pensar no matrimónio forma uma imagem do seu futuro lar. Esta é muitas vezes baseada nas experiências de sua própria família, tirando tudo quanto tem havido de desagradável. Introduce, por um lado, os seus desejos e esperanças ainda não realizados. Muitos são então egoístas, mas a ilusão de que o futuro trará a rea-

lização das suas esperanças, parece occultar este factor de egoísmo.

Quando dois jovens se acham unidos pelo matrimónio, manifesta-se gradualmente uma mudança de atitude. Quando as efusões da lua de mel se vão a pouco e pouco dissipando e são substituídas pela rotina da vida cotidiana e seus deveres, os esposos encontram-se então perante a dura realidade. Já não é possível a escolha de outro companheiro. Cada um está ligado ao outro pelos votos do matrimónio, e vê-se cada um na obrigação de permanecer fiel até que a morte os separe.

A mulher começa a compreender que a sua condição futura depende do uso que seu marido fizer de seus talentos e capacidades. Se ele tem êxito, ela partilha do seu êxito. Se a fortuna não lhe sorri, a pobreza será o seu quinhão bem como o dele. Se lhe falta energia e iniciativa, ela sofrerá com isso proporcionalmente.

Do mesmo modo, o jovem esposo tem o sentimento de que o seu lar depende de uma maneira definida das capacidades de sua jovem esposa cuja vida ficou unida à sua. Se ela é activa e asseada, o seu lar é bem apresentado. Se é amável e hospitaleira, o seu interior expande-se. Mas se ela não tem alegria em manter a sua casa em ordem, se é egoísta ou indiferente às suas responsabilidades de dona de casa, o lar sofre das suas fraquezas.

É neste sentido que se diz que o matrimónio leva a desilusões. Quando marido e mulher se colocam perante as realidades da vida, começam a notar os seus defeitos. Compreendem então pela primeira vez que as fraquezas na natureza do seu cônjuge são bastante profundas. Podem censurar-se mutuamente, mas apenas para descobrir que a enumeração das suas censuras as não elimina.

Depois do casamento os esposos

descobrem que a imagem mental que formavam do seu lar é muito diferente da realidade. Talvez o marido tenha tido o desejo de consagrar a sua vida a um serviço desinteressado em favor da humanidade. Essa é uma das ambições mais meritórias. Sua realização, agora que está casado, exige a colaboração de sua esposa. Se, em tal caso, a mulher idealizou um quadro de um lar rico e sumptuoso, os seus desejos e os do marido opõem-se num contraste flagrante.

O marido, tendo esperado um lar pacífico, caracterizado por ordem e cordialidade, experimenta uma grande decepção se sua esposa não tem o mesmo ideal. No caso de ela ter esperado fazer uma carreira pessoal, não se sentirá talvez interessada em consagrar o melhor de si mesma aos trabalhos domésticos.

Por vezes, um marido foi egoísta desenhando um quadro mental em que se considera como o único que realiza algo de bem. Acha que sua esposa deve encontrar todo o prazer em satisfazer as suas ambições. Em tal caso, a mulher, como o teria feito qualquer outra pessoa, ambicionou um lar em que existem a camaradagem e a alegria mútua. Terá sempre uma decepção desagradável quando aparecer a diferença das suas aspirações.

Muitos maridos e esposas chegam à falsa conclusão de que as suas diferenças de atitude não podem ser reconciliadas nem os seus defeitos melhorados. Esta desilusão encontra-se em graus variados em todos os matrimónios. Nos casos mais felizes os jovens procuram encontrar um ajustamento conveniente. Noutros, surgem pensamentos amargos e a pergunta perigosa: Terei na realidade casado com a pessoa que me convinha?

Os homens e as mulheres jamais deverão consentir em pensar que o seu matrimónio foi um erro. A atitude conveniente em face de uma decepção consiste em aceitá-la como estimulante para outra valorização pessoal. A melhor concepção para um ajustamento adequado no matrimónio exige que cada um aceite o seu cônjuge com todo

o coração no que ele tem de bom e de menos bom. Cada um deve compreender que por maiores que possam parecer as faltas do outro, tem as suas próprias que lhe são comparáveis. O cônjuge tentado a criticar é sem dúvida igual causa de decepção. O marido e a mulher são as mesmas pessoas que, enquanto noivas, apenas viam um no outro qualidades agradáveis. O segredo da felicidade no lar consiste em manter e perpetuar a atitude do noivado.

Para as pessoas egoístas e pouco dispostas a fazer a sua parte, a fim de tornar o lar agradável, a Sr.^a White escreveu: «Podeis tornar a vossa condição feliz ou insuportável. A atitude que tomardes criará a alegria ou a tristeza.» — *Testimonies*, vol. II, págs. 464, 465. Por estas palavras compreendemos que a felicidade de que um marido ou uma mulher podem gozar depende muito da sua determinação de serem felizes. Quando estão dispostos a empregar as suas energias nesse sentido, podem encontrar a felicidade que esperavam durante o seu noivado.

Um homem e uma mulher afa-

tam-se do ideal de felicidade no seu matrimónio, na medida em que negligenciaram esforçar-se por atingir esse objectivo.

«O lar deve ser feito de tudo que este termo implica, um pequeno paraíso na Terra, um lugar em que as afeições são cultivadas em vez de serem intencionalmente reprimidas. Nossa felicidade depende da cultura do amor, da simpatia, da verdadeira cortesia mútua.» — *Ibidem*, vol. III, pág. 539.

A felicidade no matrimónio é o resultado de uma dedicação desinteressada para com o seu cônjuge. Os maridos e mulheres cristãos têm maior probabilidade de desenvolver um matrimónio feliz devido aos princípios e ao ideal do cristianismo sobre que justamente repousa o matrimónio ideal. O espírito que Cristo manifesta pela sua Igreja é o mesmo que marido e esposa devem manifestar-se mutuamente. Se amarem a Deus acima de todas as coisas, amar-se-ão um ao outro no Senhor, tratando-se sempre com cortesia, «puxando à mesma corda». Na sua renúncia e sacrifícios mútuos serão uma bênção um para o outro.

ATRAVÉS DA IMPRENSA

A Obra do «Luzeiro» no Amazonas

Na edição original americana de Outubro de 1956, o «Reader's Digest» publicou um belo artigo sobre a obra levada a efeito no Amazonas pelo nosso Ir. L. Halliwell e por sua Esposa. Nesse artigo é bem frisado o facto de que se trata de um missionário adventista ao serviço das missões adventistas.

A tradução portuguesa apareceu na edição brasileira das «Selecções» de Março de 1957, estendendo-se desde a página 109 até à página 118.

Apesar de várias vezes se lerem as palavras «missão» e «missionário», foi sempre omitida a designação de «adventista», que aparecia no original.

Mais uma vez temos de verificar que a inveja é uma atitude de

involuntária admiração em relação a outrem.

Vergonha!

O Alcoolismo e a Assembleia Nacional

Referindo-se à embriaguez como causa de acidentes de viação, disse o deputado dr. Augusto Simões, na Assembleia Nacional em 19 de Março do ano corrente:

«Tratada no regime geral do Código da Estrada com certa benevolência, essa tão afrontosa causa de acidentes merece ser muito mais fortemente regulamentada e para ela encontrado um regime de fácil averiguação de existência, por forma a poder fazê-la actuar em juízo como circunstância agravante especial contra aqueles que nela incorreram. É preciso, irrecusavelmente preciso, que todos os condu-

Página da

Juventude



Servimo-nos da «página da Juventude» para traçar algumas linhas do que foi a nossa recente visita a várias Sociedades de M. V. do Norte do País.

No p. p. dia 27 de Março, partimos do Barreiro e dirigimo-nos directamente à cidade de Tomar, a fim de termos a primeira reunião com a Juventude local, e ao mesmo tempo dar uma vista de olhos pelo futuro lugar do Acampamento.

Somos a dizer que a reunião ultrapassou toda a nossa expectativa. Todos os assentos estavam ocupados e ainda havia pessoas de

tores e especialmente aqueles que dirigem viaturas automóveis, qualquer que seja a sua categoria, se habituem ao comando da máxima generalizada nos Estados Unidos da América, segundo a qual quem conduz deve ser moderado nas bebidas e, se o não tiver sido, e pouco importará saber porquê, então deve abster-se de conduzir».

Por sua vez, o deputado dr. Paulo Cancellia de Abreu, sugere como uma das principais medidas a serem tomadas para se evitarem acidentes de viação: «8.º Apreensão, também definitiva, da carta de condução aos reincidentes em infracções provocadas por estado de embriaguez». (Na sessão de 20 de Março).

«O Nosso Amiguinho»

Muitos membros de igreja estão assinando para seus filhos esta esplêndida revista infantil, que mensalmente é editada pela nossa Casa Publicadora Brasileira, de S. Paulo.

Vale a pena arquivar a apreciação que dela fez recentemente o Padre Renato Tonon, redentorista, de Lages, S. Catarina, Brasil:

«Os alunos de nossa escola fica-

pé. Era natural, tudo isto, pois ia-se ver o filme do Acampamento!

Agradecemos esta boa reunião e sobretudo à direcção dos M. V. que colaborou connosco nessa noite.

No dia 28 partimos até junto do simpático e dinâmico Grupo da Figueira da Foz. Pouco passava das 17 horas quando chegámos e já havia jovens em plena

ram encantados com a linda, interessante e instrutiva revistinha — *Nosso Amiguinho*.

«De facto, entre as muitas revistas infantis que tive em mão, nenhuma encontrei que se possa aconselhar e recomendar como *Nosso Amiguinho*.

«*Nosso Amiguinho* é, realmente, um amiguinho sincero das nossas crianças, vendo nelas o futuro da nossa Pátria». (Publicado em *Nosso Amiguinho*, de Janeiro de 1957, pág. 16).

Observa os mandamentos

Com este título publicou o semanário católico «O Distrito de Portalegre», em 20 de Abril do ano corrente, um pequeno artigo, que começa com estas palavras:

«Afirmou Le Play que nos povos onde o Decálogo é cumprido há progresso.

«Nos povos onde é parcialmente cumprido há estagnação.

«Nos povos onde as normas do Decálogo não se cumprem há retrocesso.

«Assim se explica a decadência dos povos latinos, a desactualização dos seus moldes».

actividade para a Reunião da noite.

Ali, tivemos a dita de examinar 8 jovens, das Classes Progressivas, que fizeram os seus exames de «Amigos». E bem amigos que nos pareceram ser.

Muito agradecido a todos e sobretudo ao Pastor Viegas, que foi incansável.

No sábado, após o pôr do Sol, estávamos em Avintes, e às 21,30 em Canelas, a fim de passar o filme do Acampamento, e outros que levávamos. Foram duas boas reuniões e muito obrigado ao Pastor Manuel Miguel por toda a gentileza.

Foi em Canelas, onde passámos o dia mais alegre. Nesse dia 30 de Março, dois Jovens desceram às águas baptismas. Que o Senhor os guarde e proteja, são os nossos votos.

Domingo, 31 de Março, coube a vez à bela Congregação do Porto de suportar-nos durante duas horas. Estava uma boa assistência e pudemos fazer um forte apelo em vista do Acampamento, a ter lugar no próximo mês de Agosto.

No dia 1 de Abril, deslocámo-nos, na companhia do Pastor Abella, até Vila do Conde. Aqui temos um bom Grupo de Jovens — quer Seniores, quer Juniores. Estes, quando chegámos ao filme do Acampamento, tomaram a palavra e trataram de explicar as coisas uns aos outros. Claro, calámo-nos e nada dissemos. Eles sentiam, o que viam, melhor do que nós!

E assim, chegámos ao fim desta digressão e daqui, mais uma vez renovamos os nossos agradecimentos e esperamos ver o maior número possível de Jovens no nosso Acampamento.

Barreiro, Abril de 1957.

Samuel Reis

A pequena Ester estava empenhada em pôr as suas bonecas em fileira, sobre um caixote.

— Devem ser muito boazinhas, advertia, pois estão na igreja, e as bonequinhas boas nunca falam na igreja.

Depois de arranjá-las a seu gosto, Ester voltou ao púlpito (uma caixa de maçãs com alguns hinários e uma bíblia em cima).

Enquanto andava de um lado para o outro em seus afazeres, a mãe aplicava o ouvido ao sermãozinho papagueado pela filhinha de quatro anos. Era uma criança forte e saudável.

A Mãe parou para escutar, enquanto Ester continuava:

«Há muitas espécies de mãos: há mãos como as do papá, todas sujas e machucadas de levar os cavalos para o pasto; e há mãos de criança, pequeninas e macias. As mãos da mãe fazem muitas coisas boas para nós durante todo o dia, e sentimo-nos tão quentinhas quando elas nos aconchegam os cobertores, na cama. Mas as melhores de todas são as mãos de Jesus. Alguns homens maus cravaram pregos nessas mãos, e fizeram o sangue correr delas. Ele não se importou com os pregos, mas queria que os homens fossem bons, e devemos orar a Ele para guardar nossas mãos de fazerem coisas más.»

Dizendo isto, a pregadorazinha procurou pôr as bonecas de joelhos, e depois ajoelhou-se ela própria ao lado da caixa de maçãs para fazer pequena e infantil petição.

A mãe enxugou uma lágrima das faces, enquanto dirigia silenciosamente outra oração, para que Ester tivesse sempre aquela doce confiança no Salvador. Mal sabia ela que seria a sua própria fé que havia de ser severamente provada naquela noite.

Mais tarde o pai e o tio João vieram do pasto para casa, e foi servida a ceia. Quando se reuniam em redor da mesa, Ester disse de repente:

— Mãezinha, quero ir para a cama, não estou bem...

O poder de persuasão dos três

Um menino pequeno os guiará!

adultos de nada adiantou e, depois de pôr-lhe a mão na fronte, a mãe achou que era melhor pôr a criança na cama. Como a febre subisse, a mãe ficou inquieta, e afinal, ansiosa, chamou a enfermeira que morava numa fazenda vizinha. O termómetro marcava 40°, e a temperatura subia ainda rapidamente. A pequena e expansiva Ester estava muito doente para dizer qualquer coisa, soltando apenas lamentosos gemidos. As habilidades do tio João para alegrar a doentinha, de nada adiantavam. A mãe ficava ao pé do leito observando a criancinha que se agitava de um lado para o outro, no desassossego da febre e do mal-estar.

— Mãezinha, segredou Ester.

— Que é, meu amor?

— Mãezinha, por que não ora a Jesus? Ele pode curar-me, se Lhe pedir.

Com as lágrimas a correrem pelas faces, a mãe ajoelhou ao lado da cama, orando entrecortadamente pela criança. Ao terminar, murmurou: «Agora, ora tu, queridinha».

— «Querido Jesus, tem a bondade de me fazer ficar melhor, e ajuda-me a ser uma boa menina. Amen».

Imediatamente Ester sentou-se na cama, dizendo em voz cheia e firme:

— Estou bem melhor, mamã; Jesus ouviu-me, eu sabia que Ele o faria.

Uma hora mais tarde, a enfermeira veio ver como a pequenina estava. Ficou muito admirada por achar a temperatura normal, e uma criança contente. Mais tarde, quando a mãe se ajoelhou para as devoções da noite, murmurou: «Oh, dá-me a fé de uma criancinha!»

«O Chamado do Capitão»

Há trabalho para nós,
Nesta luta tão atroz;
Ouve agora a Sua voz,
M. V. M. V.
Vamos todos aceitar
A chamada p'ra lutar,
M. V. M. V. M. V.

Coro:

*Sempre à frente, sempre atrás,
Estará Jesus;
Traz ao coração a paz,
A verdade e luz.
M. V. M. V. M. V.*

Não há tempo a perder,
Ninguém vai retroceder;
Sempre vamos prosseguir,
M. V. M. V.
A armadura pronta está,
Vamos recebê-la já,
M. V. M. V. M. V.

Contra o inimigo, sim,
Contra a tentação ruim;
Lutaremos 'té o fim,
M. V. M. V.
A vitória certa está,
Jesus Cristo ajudará,
M. V. M. V. M. V.

(Música de Melodias
de Vitória, N.º 102)

Trad. de Arlino H. Hermanson

UM GRANDE MÉDICO

Por MANUEL LOURINHO

O Dr. Roy Burlew Parsons nasceu em Salem, New Jersey, nos Estados Unidos da América do Norte, formou-se em medicina no College of Medical Evangelists, em Loma Linda, mantido pela nossa Denominação, fez depois um estágio no Hospital Henry Ford, em Detroit, repetiu brilhantemente o seu curso na Faculdade de Medicina de Lisboa e entrou ao serviço das missões em Angola em 1931.

Tendo-lhe sido confiada a direcção do Hospital Adventista do Bongo, breve o Dr. Parsons se evidenciou como médico distinto e a sua justa fama de operador, o seu trato afável e popular granjearam-lhe a estima e a admiração de toda a gente.

Médico cem por cento missionário, dedicado defensor da Reforma higiénica, o Dr. Parsons tem desenvolvido uma notável acção médica e evangelística na nossa Província de Angola.

Inúmeras têm sido as pessoas que, ao lado da cura dos seus males físicos, a ele devem o conhecimento da mensagem salvadora que ele prega e vive com a maior devoção.

No número de Março último, desta Revista, em noticiário da missão do Bongo, assinado pelo irmão J. Morgado, leio: «1 de Dezembro de 1956. Este dia, em que fazia 25 anos que a família Parsons chegou a Angola, foi de festa para a missão. Os missionários aqui em serviço combinaram festejar este acontecimento, assim como o da chegada de miss Ruth Johnson, também há 25 anos».

Bem andaram os missionários, em serviço na missão do Bongo, bem como os obreiros nativos, prestando aquela homenagem, tão expressiva e tão justa, à qual me associo com o meu maior entusiasmo, respeito e admiração, por quem, du-

rante estes vinte e cinco anos, tem dedicado toda a sua vida à causa dos que sofrem e agonizam física e espiritualmente, no espírito do verdadeiro bom samaritano.

Ouso afirmar, sem sombra de dúvida, que aquela homenagem interpreta o sentir de todos os outros missionários e pessoal das missões que, como eu, por estarem longe, ali não puderam estar presentes.

Quem, como a família Parsons



○ Dr. Parsons, com sua esposa, após 25 anos de dedicado serviço em Angola

e miss Ruth Johnson, teria mais jus a tal homenagem de gratidão e de apreço?

Quem pode pôr em dúvida que a acção benemérita e sempre crescente do Hospital do Bongo, à sombra da qual todas as outras actividades missionárias, em Angola, vêem o seu caminho aberto, é devida, incontestavelmente, ao incansável labor e ao prestígio do Dr. Parsons, como médico cirurgião e à sua equipe?

Por isso Angola inteira reconhece e admira os seus méritos e agradece ao seu grande benfeitor tão grande número de benefícios recebidos.

Quão consolador para quem, como eu, percorrendo Angola de lé a lé, e mesmo além das suas

fronteiras, tem ouvido palavras de gratidão e louvor, de respeito e admiração, num testemunho sincero e cheio de comoção, de grande número de pessoas a quem o Dr. Parsons tratou, operou e salvou de uma morte certa!

«—A mim, confessa um, extraíu-me pedras enormes da vesícula biliar. Só vistas...

— Eu tinha duas úlceras no estômago, as dores eram insuportáveis; há mais de um ano que a minha vida não era viver... Pois, meu amigo, operado de cinco dias, logo recobrei a alegria e a esperança numa vida melhor, sem dores e sem desespero!

— Quanto a mim restituiu-me a vista, que eu desejava reaver. Devo-lhe tudo, pois só sentia uma tentação: — a do suicídio!

— O que ele fez por mim, dizia uma senhora, — fê-lo a imensas mulheres a quem só restava um caminho; — a canceração horripilante!

— Ao meu estômago tapou a «válvula» primitiva e abriu outra em lugar mais sã... Mais de duas horas na «marquesa»!

O que as suas mãos amorosas e salvadoras fizeram, mercê da sua admirável técnica, não se cansa em repeti-lo minha mulher, quando, depois da esperança abalada por alguns especialistas que consultara, o Dr. Parsons lhe extraíu um rim com uma massa tumoral de cerca de quatro quilos, numa operação que durou mais de três horas.

Sei que as minhas palavras podem ferir a sua modéstia, mas seria uma ingratidão imperdoável da minha parte se eu deixasse de expressar o meu profundo apreço pela extrema bondade e favores que minha mulher e eu temos recebido deste grande amigo, e de sua Ex.^{ma} esposa, a quem englobo na minha

homenagem, durante a nossa permanência em Angola.

E não é sem um profundo respeito e muita admiração que estou englobando, nestas singelas mas sinceras palavras, a irmã D. Mabel Parsons, companheira inseparável e dedicada de seu marido, como sua assistente, em todos os seus trabalhos, partilhando as suas penas e fadigas, dia e noite, sem qualquer outra recompensa em vista além da alegria e consolação de saber que os seus esforços não são vãos e que eles estão salvando muitas vidas para o presente e para o Reino de Deus.

Tive o privilégio de conhecer o Dr. Parsons logo da sua chegada a Portugal.

Nestes últimos seis anos tenho privado de perto com este homem de Deus. Tenho dividido com ele grandes responsabilidades na direcção da obra de Deus. Os conselhos que dele tenho recebido e, sobretudo o seu nobre exemplo, tem sido para mim um forte apoio e uma fonte de inspiração.

Através dos seus anos de trabalho a sua colaboração tem sido assaz valiosa para todos os missionários em Angola.

Como dirigente da obra, por mais duma vez, sempre a sua esclarecida inteligência, servida por uma grande experiência, contribuiu grandemente para a resolução dos problemas e progresso da causa de Deus.

À frente da obra médica, com o seu grande esforço, trabalhando sem tempo contado, de dia e de noite, o Dr. Parsons tem imprimido ao Hospital do Bongo um progresso admirável, desenvolvendo e criando novas instalações, apetrechando-o e tornando-o a modelar instituição que hoje é.

Está actualmente também dirigindo a missão do Bongo e a sua escola de treino. O seu dia inicia-se às seis horas da manhã com os trabalhos da missão. Às sete começam as operações. Após o almoço a visita aos doentes e logo a seguir a consulta para os brancos que vai, por vezes, até às dez horas da noite!

Chega a parecer incrível que uma só pessoa possa realizar uma

tão grande soma de trabalho, mas ao Dr. Parsons isso é possível com a ajuda de Deus.

A popularidade do Dr. Parsons justamente adquirida pelos seus primorosos dotes de carácter e pelos seus excepcionais méritos de médico cirurgião, desde há muito que ultrapassa as fronteiras de Angola.

Mas nunca essa popularidade afectou, no mais mínimo, a sua modéstia e a sua grande humildade que mais se têm firmado à medida que os seus créditos aumentam.

Sempre elle considerou o seu grande trabalho como uma bênção e um privilégio. Nunca lhe ouvi pronunciar a palavra sacrificio referindo-se aos seus incansáveis esforços em favor dos outros. Elle, que a tudo renunciou: riquezas, vantagens sociais, comodidades na sua grande pátria, alegrias de família, entregando tudo, e entregando-se a si mesmo sobre o altar do sacrificio a fim de ganhar o maior número de almas para Cristo e para o Seu Reino.

Profundamente religioso e conhecedor do coração humano, uma só aspiração sente e para ela envia todos os seus esforços: — a salvação dos homens.

Transcrevo aqui algumas das suas últimas palavras que bem tra-

duzem a sinceridade do que escrevo:

«Como obreiros nesta causa temos uma grande responsabilidade para com a obra e para com Deus.

A maior falta que encontro como uma fraqueza comum, é a insuficiência do amor fraternal... O senhor está às portas e é tempo que coloquemos os nossos interesses nos valores eternos... O meu único interesse é ver a obra de Deus terminada».

Sim, o dia do Senhor está perto e se aproxima a grandes passos. O dia da grande retribuição para todos aqueles que, a igual do Dr. Parsons, crêem que nem uma palavra, nem um acto de bondade, nem um esforço, nem uma oração, nem uma simples lágrima, ou mesmo um suspiro, ficarão sem a sua recompensa.

Naquele grande dia, ao Dr. Parsons, à sua companheira, a todos quantos trabalham a favor da salvação das almas nesta terra e forem fiéis até ao fim, se lhes applicarão as consoladoras palavras do profeta Isaias referentes ao ministério de Jesus Cristo:

«O trabalho da sua alma ele verá, e ficará satisfeito; com o seu conhecimento o meu servo, o justo, justificará a muitos». Isaias, 53:11.

JOÃO FERREIRA DE ALMEIDA

TRADUTOR DA BÍBLIA PARA PORTUGUÊS

por JOAQUIM A. MORGADO

João Ferreira de Almeida nasceu no ano de 1628, na povoação de Torre de Tavares, no Concelho de Mangualde.

Veio para Lisboa, ainda novo, por virtude da morte de seus pais, sendo educado em casa de um tio clérigo ⁽¹⁾ onde viveu e aprendeu o latim e as normas da Igreja ⁽²⁾. Poderemos depreender que o desejo do tio seria fazê-lo também sacerdote, mas Deus tinha outros planos para este jovem. Assim, aos 14 anos, abandona a casa de seu tio, para fugir para a Holanda ⁽³⁾. Alguns pretendem supor alguma ligação com cristãos-novos, e que

estes o teriam induzido à fuga, mas se assim foi, não seguiu as suas ideias. A sua permanência na Holanda não foi muito grande, pois ele próprio, na dedicatória da *Diferença da Cristandade*, diz: «quando ia de Batávia para Malaca, em 1642», e «tendo tomado conhecimento daquele folheto», em castelhano, converteu-se.

Indo pois da Holanda, J.F.A.

⁽¹⁾ *Revista A. Brasileira*, Agosto de 1955.

⁽²⁾ Eduardo Moreira, em *Revista da Língua Portuguesa*, ano IX, Maio.

⁽³⁾ *Carta Apologética do P. Jerônimo de Sequeira*.

parou como é natural em Batávia, em 1641, que era o destino dos barcos holandeses. Batávia era a sede do Governo das Índias Orientais Holandesas.

Vamos pois encontrar João F. A. em Malaca, e aí, conforme declara na mesma dedicatória: «Ao segundo ano de minha conversão, que foi o de 1644, e de minha idade 16, puz-me em Malaca, com todas as minhas forças a traduzir do Latim do mui reverendo e douto P. Teodoro de Beza, o Novo Sacrossanto Testamento do Eterno Filho de Deus, Christo Jesus».

Malaca e Batávia, assim como outras terras do Oriente tinham recebido há mais de um século uma grande influência portuguesa, principalmente através dos negócios. Falava-se o português por todas aquelas regiões, e assim J.F.A. sentiu o desejo de dar ao seu povo a Bíblia.

Em 1500, os portugueses encon-

traram na costa do Malabar uma igreja muito antiga, de cristãos orientais que desde o século V estavam separados da Igreja Romana e sob a obediência de um Patriarca Independente do Império Romano. Foram estes Cristãos massacrados por D. Aleixo de Menezes, Bispo de Goa, que os sujeitou à obediência da Santa Sé. O resultado foi que na primeira oportunidade que tiveram de encontrar uma doutrina mais de acordo com os princípios que seus pais professaram se voltaram sem dificuldade para ela.

Os holandeses que tomaram grande parte dessas terras aos portugueses, nos conturbados tempos do domínio espanhol, levaram juntamente com o seu negócio, a sua fé reformada. Este foi também o ambiente que J.F.A. encontrou e o seu entusiasmo evangélico, a sua nova fé, tornou-se num elemento de grande valor para as várias

igrejas protestantes portuguesas que foram aparecendo pelo império holandês do Oriente.

Em Batávia existia uma grande comunidade portuguesa, onde existiram duas igrejas evangélicas, desde 1633-1808, com cultos em português. Malaca, e outras terras onde J.F.A. trabalhou eram outros centros onde o português era usado, de tal maneira que os novos senhores, os holandeses, tinham que aprender o português se queriam tratar com as pessoas daquelas terras.

Não foi por acaso que sendo nessa altura ainda o Império Português tão vasto, a Bíblia em Português fosse publicada, pela primeira vez, numa cidade que não havia pertencido a Portugal. É, no entanto, interessante pensar que nessa altura Portugal e grande parte dos países católicos da Europa, continuavam a braços com a Inquisição e sobretudo com a proibição papal se possuir a Bíblia em linguagem vulgar. Somente em 1757, a interdição foi levantada pelo papa Bento XIV, mas nessa altura já algumas milhares de N. T. eram espalhadas e os V. T. viam também algumas edições.

Deus conduziu ali, um jovem, para num lugar onde se falava o português, e que era livre, fosse possível aparecer a Bíblia na nossa língua. É certo que as suas primeiras edições se destinaram especialmente aos portugueses daquelas regiões, mas ela foi levada, por vários elementos, a vários lugares. Alguns ministros protestantes dinamarqueses que se dirigiam a Trancambar, compraram alguns exemplares na África do Sul, outros foram para o Brasil, e logo que foi possível, eles entraram em Portugal, através de edições da Sociedade Bíblica Inglesa.

Quando J.F.A. iniciou a sua tradução do N. T. não conhecia o grego nem o holandês que depois usou com grande facilidade (1). Na Diferença da Cristandade, cita que usou a edição Latina de Teodoro de Beza.

No prólogo da edição do N. T.

OBRAS DE JOÃO FERREIRA DE ALMEIDA

Ano	Edição	Título	Onde foi editada	Obs.
30-XI-1668	1. ^a	Diferença da Cristandade da Igreja reformada e Romana	Batávia	Tradução do Castelhana
1672		Duas epístolas e vinte propostas	Batávia	Controvérsia com o Padre Maldonado e Frei M. de Santa Teresa
1672		Fábulas de Esopo (traduzidas por Manuel Mendes de Vidiueira e revistas por J. A. F.)	Batávia	
1673	2. ^a	Diferença da Cristandade	Amesterdão	
1673		Apêndice ou necessária Adição à diferença da Cristandade	Amesterdão	
1-I-1683		Advertência		Apontando mais de 1.000 erros da 1. ^a edição do N. T.
1684	3. ^a	Diferença da Cristandade		
		Catecismo Heildelbergue e Liturgia		

(1) A Bíblia em Portugal.

(1761), de Trangambar, diz-se: «Esta versão do N. T. foi feita (como mostra o título) pelo Rev. Padre F. de Almeida, que seguiu pontualmente a Bíblica Holandesa».

No prólogo da edição de 1773, de Batávia, o autor do prólogo diz que na correcção das Biblias usou a «versão Holandesa ou Belga de 1618 e 1619, Alemã de Lutero e a castelhana de Cypriano de Valera de 1602, de que o tradutor também usou».

J.F.A. trabalhou durante dois anos (1644 e 1645) na tradução do N. T.

Casou com a filha de um pastor protestante de Malaca. Pensam alguns que ela o ajudou bastante no estudo do grego e do holandês.

Aos 28 anos, a 16 de Outubro de 1656, é consagrado ao ministério, depois de provas que prestou. O seu trabalho estendeu-se por lugares diversos, onde a influência portuguesa se fez sentir e onde se encontravam congregações protestantes portuguesas.

Pelo seu zelo missionário é cognominado «O defensor da verdade». Percorria os hospitais visitando e confortando os doentes. Visitava as pessoas nas suas casas, confortando-as com a palavra de Deus e exortações piedosas. Andava pelas ruas de Malaca, tocando uma campainha e convidando as pessoas para ouvirem a pregação.

Na edição do N. T. (1744), de Trangambar, no prólogo, referindo-se a J.F.A. diz-se «o qual até sua morte incansavelmente trabalhou nesta vinha oriental de Deus».

Desde a sua ordenação ao ministério de 1656 até 1658 trabalhou na Ponta de Galle (Ceilão); naquela data foi para Tutecorin onde esteve até 1663, data em que foi para Batávia a fim de pastorear a comunidade portuguesa. A partir de 1664, e depois de várias dificuldades consente-se que o culto da comunidade portuguesa reformada se fizesse em português, e logo apareceu J.F.A., no lugar que lhe competia como português.

O seu zelo missionário leva-o a entrar em conflito, mais de uma vez, com ministros da religião ca-

EDIÇÕES DA BÍBLIA J. F. A.

Ano	Edição	Parte impressa	Local	A expensas de	Revisão de	Obs.
1681	1. ^a	Novo Testamento	Amesterdão	Companhia H. da Índia Or.	Bartolomeu Heynene Joann de Woogh	Saiu com muitos erros
1693	2. ^a	N. T.	Batávia	Idem	Pelo autor e por Teodoro Zas e Jacobus op den Akken	Os verbos do texto foram todos colocados no fim
1712	3. ^a	N. T.	Amesterdão	Comp. Idem		Tem 2 folhas de rosto — 1 com o nome e outra sem o nome
1738	1. ^a	V. T. Livros Históricos	Trangambar	Real Missão da Dinamarca	Dos missionários Dinamarqueses	Josué a Ester
1740	1. ^a	Livro de Salmos	Trangambar	Idem	Idem	
1744	1. ^a	V. T. Livros Dogmáticos	Trangambar	Idem	Idem	Job — Cantares
1748	1. ^a	V. T. Génesis a Ester	Batávia	C. ^a das Índias Orientais Hol.	João Maurits Mhor e Lebrecht A. Beheimer	
1751		V. T. 4 prof. maiores	Trangambar	Real Missão da Dinamarca	Theodosio Walter e Dal	
1753		V. T. Prof. maiores e menores	Batávia	C. ^a das Índias Orientais Hol.	João M. N. e Lebrecht A. B.	JAF e Jacob Op den Akker
1757		Os 5 livros de Moisés	Trangambar	Real Missão da Dinamarca	Missionários Dinamarqueses	
1760		N. V. 1. ^a Parte — Os 4 Evangelhos	Trangambar	Idem	Idem	
1765		N. T.	Trangambar	Idem	Idem	
1773		N. T.	Batávia	Pedro A. Van der Parra	J. Mauritz M.	Tem um prólogo em português e em holandês conforme a edição de 1711 20.000 ex.
1809		N. T.	Londres	S. Bíblica	Uzielli	
1810		Livro de Salmos	Trangambar	Real Missão da Dinamarca	Missionários Dinamarqueses	
1811 e 1813		N. T.	Londres	S. Bíblica		
1819		Bíblia	Idem	Idem		1. ^o mês a Bíblia em volume

tólica. Em 1665, lança um repto aos Padres de Goa, sobretudo aos Jesuítas, e em 1667, vários missio-

nários, de passagem em Batávia, fazem companhia contra ele e contra o protestantismo. São eles o

P. Maldonado, Frei Manuel de Santa Teresa e Jerónimo de Sequeira. O primeiro escreveu em Latim contra as doutrinas de J.F.A. e o segundo traduziu em português «para que o seu antagonista compreendesse melhor as palavras e a força dos argumentos». O último, em 1670, publica contra J.F.A. «Carta apologética e defensão da Religião Catolica Romana contra J.F.A. Predicante da secta calvinista feita em Bengalla, pelo mui Reverendo Padre Hieronymo de Sequeira, Portugues Theologo Pregador. Ano de 1670».

O Padre Maldonado, publicou também:

«Dialogo rustico e pastoril, entre o Cura de Hua Aldea e hum Pastor de Ovelhas tocante o verdadeiro, puro e legítimo modo de como a Deus nosso Senhor havemos de servir e assi infalivelmente conseguir e alcançar a vida, gloria e Benaventurança eterna. Compreendendo as razoes do muy Reverendo e Docto Padre João Baptista Maldonado Religioso professo da Companhia de Jesus e Missionario Apostolico, contra as de João Ferreira de Almeida, Ministro ou Predicante Calvinista.»

As poucas obras que citamos de João Ferreira de Almeida, não o tornariam conhecido ou sequer o tornariam um nome grande na influencia que a Bíblia tem tido no nosso País.

Somente um século depois a Edição do P. António de Figueiredo é oferecida aos Portugueses, mas mesmo nessa altura, as Bíblias de Almeida começam a aparecer com liberdade, no seu próprio país.

Na página anterior encontramos um mapa com as várias edições da Bíblia.

Depois disto muitas edições têm sido feitas da Bíblia de Almeida.

João F. de Almeida esteve em Batávia até 16-IX-1689, à frente de Igreja Portuguesa daquela cidade. Durante, pois, 25 anos elle pastoreou aqueles crentes, e nessa data jubilou-se.

No entanto o seu trabalho não parou, pois durante estes anos e os outros que se vão seguir, elle esteve a traduzir o V. T. que não

chegou a terminar por ter falecido em 6-X-1691, com 63 anos de idade. Tinha chegado ao capítulo 32 de Ezequiel, e o seu trabalho foi continuado por outros pastores daquelas igrejas portuguesas.

A apreciação do seu trabalho, foi feita já por várias pessoas, algumas somente com um espírito partidaria, outras mais desinteressadas, mas mal conhecendo os seus princípios religiosos e portanto não os apreciando.

Ribeiro dos Santos, lente de Teologia da Universidade de Coimbra, enalteceu o trabalho de Ferreira de Almeida:

«A sua linguagem era rica de termos e expressões que o fizeram um bom tesouro do vocabulário da lingua portuguesa, ainda que nele haja algumas frases e maneiras que não são genuinamente portuguezes, quer por se ter cingido estritamente ao texto hebraico e grego (?), ou à tradução holandesa, e até fez a defesa de alguns vocábulos que a alguns puristas tinham desagradado.»

Teófilo Braga disse que era «o maior e mais interessante documento para se estudar a lingua portuguesa do século XVII» e do seu autor disse: «Pela sua longa residência no estrangeiro escapou incólume a reforma dos seiscentistas. A sua origem popular e a comunicação com o povo levaram-no a empregar formas vulgares que nenhum escritor cultista do seu tempo ousaria escrever.»

Santos Ferreira diz «que a sua obra é porventura a mais monumental que na lingua portuguesa foi escrita no século XVII».

J.F.A., contribuiu com o seu trabalho para o conhecimento da Bíblia em Portugal. Até à chegada das suas Bíblias não era possível ao povo, que forma a maior parte da população, ter uma Bíblia a preço acessível. As edições feitas de Figueiredo foram caras e delas se apossaram aqueles que tinham meios. Os outros voltaram-se para Almeida que continua a ser hoje a versão mais lida entre o povo portuguez e aquela que está mais ao alcance de todas as bolsas e isso é um mérito que não devemos esquecer ao apreciar a sua obra.

Acerca do homem, mais do que as nossas palavras, ou dos nossos compatriotas, mais ou menos despeitados pela sua attitude anticatólica, fica bem, para terminar, transcrever o que é dito no prefácio da edição de 1748 do Velho Testamento:

«.....foi o insigne Reverendo J.F.A. o qual depois que afastou-se da Romana Igreja, e rendendo-se à nossa, mereceu o nome de destro defensor da verdade para cuja promoção com incansável zelo trabalhou até ao fim do sua vida, como claramente se reconhece dos seus escritos em geral e desta versão avaliada muito em particular (pág. 5).

(1) *Manual da História da Literatura Portuguesa*, pág. 350.

ATRAVÉS DO MUNDO ADVENTISTA

A Mensagem no Egipto

Em 1882, dois homens desciam de um veleiro na cidade de Alexandria, a segunda capital do Egipto e o maior porto comercial do Mediterrâneo, cidade antiga situada na margem ocidental do grande Delta do Nilo e na fronteira do deserto árido da Líbia. Andando nas suas ruas poeirentas, entristeciam-se ao constatar que a crença adventista não tinha ainda penetrado naquele país. Para uma obra de paz tinham deixado a sua

pátria — um a Itália, cheia de sol; outro a velha Irlanda, a ilha de esmeralda. Embora diferentes, a Mensagem adventista unia-os, e nos seus corações palpitava um zelo ardente, enquanto distribuíam a mensagem impressa falando de um Salvador cheio de amor. Ao pôr do sol, suas folhas estavam dispersas e rasgadas, e aqueles dois homens tinham feito o supremo sacrificio, o sangue do seu martirio estava derramado no pó. Perseguidos por

(Conclui na pág. 16)

UNIÃO DA ÁFRICA PORTUGUESA

RELATÓRIO DE 1956

I — ESCOLA SABATINA

Campos Missionários	Escolas	Membros	Membros da E. S. bap. 1956	12 Sábados	13.º Sábado	F. Inversão	Anivers.	Total
<i>Bongo</i>	Eur. 1	36	—	12.554.00	3.726.30		720.00	17.000.30
	Nat. 91	6.984	216	15.996.00	2.227.80	1.268.70	726.40	20.218.90
<i>Cuale</i>	Eur. 1	4	—	1.661.40	250.00		275.50	2.186.90
	Nat. 48	4.416	162	10.700.60	1.521.80	380.20	673.00	13.275.60
<i>Luz</i>	Eur. 1	7	—	1.153.60	200.50		15.00	1.369.10
	Nat. 67	3.231	189	14.296.10	1.369.30	455.40	676.80	16.797.60
<i>N. Lisboa</i>	Eur. 1	28	—	7.844.70	1.841.70	275.60	2.861.50	12.283.50
	Nat. 81	4.263	198	8.644.30	2.245.90	541.40	656.90	12.088.50
<i>Lucusse</i>	Eur. 1	4	—	1.025.00	200.00		120.00	1.345.00
	Nat. 23	1.059	79	3.673.90	542.50	11.00	115.00	4.342.40
<i>Namba</i>	Eur. 1	3	—	955.00	142.50			1.097.50
	Nat. 42	2.135	107	3.570.00	797.00	288.30	293.70	4.949.00
<i>Benguela</i>	Eur. 1	97	—	12.390.90	1.794.20	166.00	557.00	14.908.10
	Nat. 2	82	—					
<i>Luanda</i>	Eur. 1	31	3	8.535.50	2.061.70	495.00	2.652.00	13.744.20
<i>Quilengues</i>	Eur. 1	15	—	3.269.90	1.020.60	20.00	250.00	4.560.50
	Nat. 23	857	28	2.564.30	446.80	14.50	87.70	3.113.30
<i>Mocâmedes</i>	Eur. 1	34	—	2.096.80	795.70			2.892.50
<i>Mungulúni</i>	Eur. 1	2	—	2.478.00	367.70			2.845.70
	Nat. 30	1.894	144	12.851.40	1.738.40			14.589.80
<i>L. Marques</i>	Eur. 1	31	4	2.961.20	933.70			3.894.90
<i>União</i>		417	1.030	129.222.20	24.224.10	3.916.10	10.680.50	168.043.30

II — MISSIONÁRIOS VOLUNTÁRIOS

Campos Missionários	Soc.	Membros	J. baptiz.	C. Progres.	Est. Bibl.	Cont.	Lit.	P. Socor.	Ofertas
<i>N. Lisboa</i>	79	1.331	140	277	364	954	681	653	836.30
<i>Bongo</i>	101	2.374	195	536	1.239	2.316	96	1.105	675.50
<i>Cuale</i>	31	1.030	61	749	1.239	11.846	92	2.702	895.10
<i>Luz</i>	25	1.021	67	—	735	2.218	7	1.332	752.40
<i>Lucusse</i>	11	230	12	393	313	79	35	237	279.10
<i>Namba</i>	26	417	42	—	602	1.134	173	996	667.10
<i>Benguela</i>	2	31	—	32	100	200	130	68	557.20
<i>Luanda</i>	1	16	—	7	32	68	97	56	1.938.50
<i>Quilengues</i>	8	177	18	—	92	—	15	—	265.30
<i>Mungulúni</i>	3	154	—	—	1.114	1.487	—	938	165.30
<i>União</i>	287	6.781	535	1.994	5.796	20.302	1.326	8.087	5.076.80

III — EDUCAÇÃO

Campos Missionários	Alunos das Catequeses	Ensino Rudimentar	Ensino Primário	Curso de Catequistas	Total
<i>Instituto do Bongo</i>		249	67	50	366
<i>Bongo</i>	1.250	274	—	—	1.524
<i>Nova Lisboa</i>	1.210	245	—	—	1.455
<i>Cuale</i>	406	771	22	—	1.199
<i>Luz</i>	467	52	—	—	519
<i>Lucusse</i>	161	32	—	—	193
<i>Namba</i>	364	66	—	—	430
<i>Quilengues</i>	61	69	—	—	130
<i>Mungulúni</i>	443	84	—	10	537
<i>União</i>	4.362	1.482	89	60	6.353

O Secretário
Armando José S. Casaca

NOTÍCIAS DO CAMPO

Membros da União da África Portuguesa em 31 de Dezembro de 1956

Bongo	4.790
Cuale	828
Luz	857
Nova Lisboa	2.020
Lucusse	130
Namba	987
Benguela	53
Luanda	30
Quilengues	114
Moçâmedes	12
Mungulúni	825
Laurenço Marques	15
Total	10.661

ESPINHO

Fui solicitado a mandar alguma notícia do nosso campo, para a nossa Revista, informadora atenta e sempre bem acolhida de todos quantos desejam ver prosperar as nobres actividades a cargo de todos — oficiais e soldados desta Causa Adventista, de cujo significado a pronta Volta do Senhor é o estímulo de todos nós.

Pois bem, antes de mais, sentimento-nos contentes com nossos prezado sirmãos e amigos destas Congregações. Apreciamos sua permanente alegria, mas especialmente ao Sábado, quando ao Senhor vêm cumprir seus votos de melhor obediência, e renovar sua fidelidade numa entrega viva, santa e agradável ao Senhor, que no dizer apostólico é prestar o culto racional.

Esta nossa pequena e humilde notícia do trabalho do Senhor neste nosso campo, levará sem dúvida da nossa parte alegria e agradecimentos ao Senhor pela vida consagrada de muitos, pelos árduos esforços de vitória de outros, e muito especialmente por mais pessoas de nobres corações que instados pelo Espírito Santo, mediante a apresentação do evangelho, se rendem ao Visitante Celeste que, ternamente, as chama para lhes outorgar a Vida e felicidade eternas.

Apressando-nos um pouco mais com esta nota, informamos que quatro novos crentes se agregaram à mundial Mensagem Adventista, sob a acção da Igreja de Canelas, pelo baptismo, que teve lugar no Sábado 30 de Março, pelas 16 horas. Foi um belo e memorável dia cheio de bênçãos várias, pois coincidiu com a presença do prezado Pastor Samuel Reis, que antes da cerimónia baptismal dirigiu a palavra aos candidatos no exame

dos pontos essenciais da mensagem, que a todos irmãos lembrou também seus anteriores votos de fidelidade ao Senhor no mesmo acto feliz. Foi feita a cerimónia pelo pastor local que foi intervalada pelos doces acordes do belo hino de ligação com os anjos cantando o regresso dos perdidos à casa do Pai! Todos se sentiam felizes e deixavam transparecer essa felicidade com lágrimas as famílias queridas daqueles que estavam selando o seu concerto eterno com o nosso Deus. Aos novos irmãos lhes foram dadas as boas-vindas da Igreja, com a entrega a cada um de um texto bíblico especialmente escolhido e escrito como lembrança do acto e da fidelidade ao Senhor no transcorrer da vida peregrina.

Acabada esta boa reunião, dirigimo-nos para a Congregação de Avintes, onde o mesmo irmão Samuel apresentou à juventude alegre e atenta, os seus lindos filmes que andou apresentando pelas Congregações. Todos, jovens e adultos, apreciaram e beneficiaram da reunião. Acabada esta voltámos para Canelas, para igual reunião fazermos com os jovens e irmãos ali reunidos, alguns dos quais lá ficaram desde a escola sabatina a todas as reuniões. A reunião ia demorando, mas a chuva lá fora não terminava, e foi debaixo dela que alguns de mais longe chegaram a suas casas bem molhados, mas não aborrecidos.

Nossos quatro novos irmãos são de quatro localidades onde a nossa igreja de Canelas tem seus filhos. Dois deles, de mais idade, são: um de Canelas, marido de uma irmã nossa, outro de Gulpilhares, mãe e avó de duas nossas irmãs, que professava crenças pentecostais. Os dois outros são jovens, um de Serzedo, filho e irmão de duas nossas irmãs também, daquela localidade. O outro jovem é as primícias do nosso trabalho de Espinho, que pela primeira vez foi despertado por uma projecção que fizemos em casa de sua família, assistindo desde logo sempre às reuniões, começou logo com ardoroso desejo na Escola Rádio-Postal, facilmente respondia às lições, e em pouco tempo recebia o seu diploma, outros novos alunos, cerca de 15, mandou para a Escola, a que instrui alguns nas respostas a enviar. Certamente que todo o seu esforço e ânimo alegre terá seus felizes resultados num futuro aqui, porquanto a Palavra do Se-

nhor nunca voltará vazia, antes fará aquilo que ao Senhor apraz. Estando bem empregado no principal café de Espinho, teve de deixá-lo, não obstante a boa estima e conceito de todos, especialmente de seu patrão, que não concordou em dar-lhe o descanso ao Sábado. Hoje sente-se abençoado de Deus, na fé, e na nova ocupação que exerce por sua própria conta.

Esperamos que este jovem, conjuntamente com o jovem casal que já cá havia, nos possa ajudar na nossa tarefa de anunciar a última mensagem de misericórdia de Deus, para a salvação destas almas da Praia de Espinho. Esperamos com o tempo, termos bons e sinceros representantes desta Verdade, também nesta vila. Reunamos, prezados colaboradores, nossos esforços, com orações ao Senhor a favor das necessitadas almas do nosso campo.

Vosso no Senhor
Manuel Miguel

CASTELO BRANCO E NISA

Novamente, nas páginas desta Revista, voltamos a dar notícias do nosso campo de actividades.

1. Castelo Branco

Foi em Agosto de 1956 que o Senhor nos concedeu o privilégio de abrimos ao público uma sala de culto e, desde então para cá, temos tido reuniões regulares todas as semanas, com assistência sempre muito variável.

No passado dia 6 de Abril colheram-se os primeiros frutos do nosso trabalho aqui. Nesse dia tivemos a presença do nosso irmão Pastor Ernesto Ferreira e deslocámo-nos a Nisa onde uma alma selou o seu pacto com Deus por meio das águas do baptismo.

Continuamos orando para que Deus nos dê forças para desbravar este campo tão duro onde haverá muitas almas sinceras que vivem na mais densa treva e que precisam ser salvas.

2. Nisa

É nesta localidade que está situada a Igreja à qual pertence todo o nosso trabalho.

Aqui temos tido reuniões regulares aos Sábados e às Quintas-feiras e, como resultado, está agora a funcionar uma classe baptismal que, embora pouco fre-

quentada, promete dar os seus frutos dentro de alguns meses.

A vila de Nisa não é das mais pequenas e parece-me que toda a população já sabe da existência dos adventistas e da sua missão nesta terra.

No concelho de Nisa há uma localidade, Monte do Arneiro, situada a 17 km da vila e já próxima do Tejo, onde temos feito reuniões mais ou menos regulares. Ali dispomos de uma casa que gentilmente nos é concedida para esse fim pelo seu proprietário e que nós mobilámos com bancos para 65 lugares sentados. Temos ido ao Arneiro de 15 em 15 dias e todas as vezes a casa é pequena para conter tão grande assistência, pois são mais as pessoas que têm que ficar de pé do que as que conseguem lugar sentadas. Podemos dizer, sem grande erro, que toda a população se tem deslocado para ouvir a mensagem adventista.

Como era de esperar, alguém, que faz serviço nesta região, tentou fazer a sua obra destruidora mas nada conseguiu e parece que não conseguiu afugentar uma única pessoa.

Como são pessoas do campo e de pouca instrução, têm mais dificuldade em compreender a mensagem e é por isso e também porque só lá vamos de tempos a tempos, que as coisas ali marcham muito lentamente.

Pensamos que ali no Arneiro muitas almas ainda se hão-de salvar.

Castelo Branco, 18 de Abril de 1957.

Joaquim Nunes Ramos

SETÚBAL

Aproveito as páginas da nossa Revista para cumprimentar todos os Leitores e dar algumas notícias do nosso trabalho.

Semana dos M. V. — Embora um pouco tarde é com prazer que afirmamos ter sido esta uma das melhores que temos tido. Para isso muito contribuíram as boas e salutaras Comunicações da Revista e, também, a colaboração dos nossos Jovens. Durante esta Semana tivemos, pelo menos, quatro dias especiais. Foram eles, o domingo, a quarta, a sexta e o Sábado. No domingo, além da leitura da Revista, chamou-se a atenção dos Jovens para o facto de que apesar do pecado, embora grande, «vermelho como a escarlate» (Is. 1:18), tem o pecador possibilidade, com a ajuda de Cristo, de se ver livre dele. Aludiu-se ao anseio de S. Paulo quando exclamou: «quem

me livrará?» (Actos 7:24). Como o Apóstolo, o jovem é convidado a olhar para a Cruz de Cristo... Nesse momento, com a sala às escuras, surgiu um coração vermelho e ao mesmo tempo um reflector iluminava a cruz, símbolo do sacrifício de Jesus. Foram, então, os jovens convidados a virem à frente e em humildade, em verdadeiro amor por Jesus, todos cantaram o hino «Quero estar ao pé da cruz...».

Na quarta-feira uma jovem tomou a seu cargo a leitura da comunicação e, depois do comentário, falou-se novamente acerca do coração.

O jovem é impulsionado pelo atractivo da cruz! Deseja libertar-se do pecado. Deseja partir as cordas que o prendem (Prov. 5:22) e dizer «não eu vivo mais mas Cristo vive em mim» (Gál. 2:20). Não obstante essa ambição, ele sente-se ainda preso ao Mundo. A sala fica mais uma vez na escuridão... A cruz é banhada pela luz como querendo dizer: «porque Deus amou o Mundo de tal maneira que deu Seu Filho Unigénito». Mas... o coração não aparece iluminado! Verifica-se o fio condutor. Repara-se que «alguém» havia cortado a ligação. Então perguntou-se: «quem fez isto?», «quem interrompeu a ligação entre o homem desejoso de salvar-se e Cristo?». Um jovem, previamente escolhido para isso e escondido responde: «Fui eu!» Era esse «alguém» que «anda bramando como leão» o autor da queda do jovem. E esse «alguém» tem ocasião de explicar como e porque fez isso. O apego ao Mundo com seus prazeres, o abandono da fé que uma vez fora dada aos santos e tantas outras coisas que o inimigo coloca à frente dos jovens faz com que não haja ligação entre ele e a Cruz. Os jovens ouviam e aprendiam a lição, a lição terrível daquele que dá ouvidos ao Príncipe do Mal. Nessa noite o coração estava preto. As trevas do pecado o envolviam. Não obstante a luz dimanada do Calvário brilhava! Triste do jovem que ama mais as trevas do que a luz! Cuidado! Na sexta-feira, além dos belos cânticos e lindas poesias que se fizeram sempre ouvir durante a Semana, voltámos a falar sobre o coração. Queríamos que cada jovem sentisse o apelo «Filho meu dá-me o teu coração». A Cruz volta a ser iluminada. Jesus — o Cordeiro que tira o pecado do Mundo — está sempre pronto a receber o pecador. Perguntou-se à juventude quantos estavam satisfeitos tendo o coração coberto pelo pecado. Um pano preto, símbolo das trevas, cobria o coração. Ninguém se sentia satisfeito. To-

dos o queriam ter «mais branco do que a neve». Então novo apelo se fez. Orámos e cantámos com entusiasmo «Meu pecado resgatado foi na cruz por teu amor». Como era belo ouvir rapazes e meninas, novos e velhos cantando. Então tirámos o pano preto. Nesse momento um coração branco, como lavado pelo sangue de Cristo, apareceu. Ao mesmo tempo que isto acontecia, no «écran» uma gravura atirada pelo projector apresentava Cristo crucificado. Com todo o sentimento cantou-se o lindo hino «Tenho luz, sim, tenho luz no coração, pois Jesus as trevas todas dissipou».

No Sábado, último dia desta Semana de Oração dos M. V., se é certo ter sido a reunião mais simples foi no entanto aquela que mais prendeu todos os jovens. Depois da leitura da Comunicação fez-se um fervoroso apelo à Juventude para uma entrega incondicional a Jesus. Perguntou-se quantos desejavam entregar nessa manhã de Sábado o seu coração a Jesus. Um a um veio à frente e colocava um pequeno coração numa bandeja. De um lado o seu nome e data e do outro um pensamento. Uns diziam: «O meu coração é de Jesus»; outros, «Toma, Jesus, o meu coração para Ti. Ajuda-me a ser fiel até à morte». Ainda outros, «Senhor, purifica o meu coração». «Abro a porta do meu coração e deixo a Cristo entrar», etc., etc. Ajoelhámo-nos, todos em círculo tendo ao centro os membros da direcção dos M. V. Então orámos. Pedimos a Deus que abençoasse aquele punhado de jovens e criancinhas. Que os fizesse colunas fortes na Igreja. Que desse mais fé, mais ânimo e mais consagração. Ao som do pequenino coro «Vem, visita a Tua Igreja» nos levantámos e cada um tomou o seu lugar. Estava terminada a bela Semana de Oração dos M. V.

Mais uma vez agradeço a todos os jovens e muito especialmente ao nosso Irmão Pastor Samuel Reis que numa reunião nos deu a alegria de estar connosco. Apreciamos muito a sua mensagem e os bons discos que nos apresentou. Vão, também, os nossos melhores agradecimentos para o nosso amigo Alfredo Vieira pois muito nos auxiliou com belas músicas. A todos muito obrigado e que Deus vos abençoe e vos dê paz.

Dia de jejum e oração — Segundo comunicado pela «Revista Adventista» e voto da Conferência Geral estivemos reunidos na Igreja nesse espírito. A parte da manhã foi preenchida pela Escola Sabatina e pelo Culto. Neste falámos acerca do trabalho na Colômbia. Um grande mapa lembrava os crentes

para onde se dirigiam as suas orações. Depois do culto tivemos um intervalo de hora e meia. Mas a maior parte dos Irmãos preferiram ficar na Igreja. De tarde, das 2 h. até ao pôr-do-sol, tivemos reuniões. Passámos projecções sobre o Baptismo, etc.

Dia mundial da saúde — Não que este dia fosse do Calendário Adventista mas porque nós, Adventistas, temos uma mensagem importante sobre o assunto a dar ao Mundo, aproveitámos esse dia para falar sobre «A Reforma de Saúde». Pena foi que a nossa sala não nos «autorizasse» a convidar muitas pessoas para ouvir a exposição da Palavra de Deus.

Nova Igreja em Setúbal? — Sim. É com prazer que anunciamos a compra de um local onde em breve será a nova Igreja Adventista de Setúbal. Agradecemos aos nossos Irmãos da União a amável dádiva. Que Deus abençoe a todos é o desejo do vosso em Cristo,

A. Miranda

«AGUARDANDO A RESSURREIÇÃO»

Lisboa

No dia 1 de Abril, após longos meses de grande sofrimento, faleceu, no Instituto de Oncologia, a nossa estimada Irmã Eduarda dos Anjos. Só a grande fé e confiança nas promessas do Salvador lhe poderiam dar o ânimo, a resignação que teve até ao último momento. Cremos que bem lhe podem ser aplicadas as palavras de Apocalipse 14:13: «Bem-aventurados os mortos que desde agora morrem no Senhor... para que descansem dos seus trabalhos e as suas obras os sigam».

A nossa Irmã Eduarda dos Anjos era esposa do nosso Irmão diácono Francisco Q. Epifânio; mãe dos Irmãos Julieta, Judite, Januário e Francisco; sogra e cunhada, respectivamente, dos nossos Irmãos diáconos João de Sousa Carvalho e Joaquim Q. Epifânio.

A toda a Família enlutada, mais uma vez apresentamos os nossos sentidos pêsames.

Juvenal Gomes

**Este número foi visado
pela
Comissão de Censura**

ATRAVÉS DO MUNDO ADVENTISTA

(Continuação da pág. 12)

uma multidão enraivecida, foram mortos e os seus corpos arrastados pelas ruas. Assim começou a história da mensagem adventista no antigo Egipto.

A grande cidade estende-se ao sol ao longo da costa do mar azul, como um monumento do poder do homem no decorrer dos séculos. Foi ali que os Faraós egípcios construíram o grande Farol, uma das sete maravilhas do Mundo; que os Setenta fizeram a sua tradução monumental da Bíblia; que Alexandre o Magno rebaptizou a cidade; que os Ptolomeus construíram seus palácios; que os Árabes pillharam e incendiaram a famosa biblioteca. Os primeiros Padres da Igreja fizeram de Alexandria um centro teológico. Os mártires do cristianismo ali sofreram sob o imperador Diocleciano. De tudo isso foi aquela cidade testemunha, assim como dos dois mártires que caíram em 1882. A sua semente produz frutos setenta anos mais tarde. No século XX, o missionário G. Keough chegou ao Cairo. Este pioneiro recebeu melhor acolhimento por parte da população que habitava no vale do Nilo, no Egipto meridional. Há uns vinte anos, um pastor suíço começou o trabalho entre a minoria europeia de Alexandria e ganhou um grupo de uma dezena de fiéis, entre os quais se encontrava a sobrinha de um dos mártires de 1882. Fez-se a aquisição de uma casa que durante certo tempo serviu de escritório da União das Missões do Médio-Oriente.

O obra, porém, não podia ficar limitada a uma minoria estrangeira. Quinze milhões de pessoas habitam na fértil planície do Delta, dividida pelo Nilo em grande número de partes, antes de terminar no mar o seu curso de 6.500 quilómetros.

Inumeráveis cidades, aldeias e casais em que não havia um único membro de igreja de língua árabe aguardavam a Mensagem. Em 1950, iniciámos uma campanha de evangelização, com tradução em

língua árabe, em dois bairros da cidade de Alexandria. Mas, de novo, as perseguições nos obrigaram a interromper esse trabalho, que tivemos de continuar por actividade privada. Em 1952, experimentámos mais uma vez e, com corações cheios de alegria, pudemos continuar esse esforço e baptizar vinte pessoas no fim de 1953, para atingir o número de trinta nos meados de 1954. Realizavam-se finalmente as palavras de Tertuliano: «O sangue dos mártires tornou-se uma semente do Evangelho». Voltávamos a erguer a tocha da verdade, caída das mãos dos primeiros pioneiros no Egipto.

Na grande metrópole de Alexandria que conta um milhão e um quarto de habitantes, não havia uma igreja de língua árabe, nem mesmo um membro de nacionalidade egípcia. E agora temos 59 membros originários do país. Um deles é agente de polícia. Era ele que estava encarregado de guardar a missão durante os levantamentos que ameaçavam as vidas dos ingleses, e no seu posto de sentinela aprendeu a tornar-se um soldado da cruz. Ele é agora o primeiro diácono da nossa igreja.

Na nossa igreja europeia, ainda que tenhamos tido menos batismos, uma boa frequência das nossas reuniões de domingo e da semana dá testemunho da acção do Espírito Santo no meio destas comunidades mundanas e indiferentes, de religião católica romana ou ortodoxa. — *Peter E. M. Beach.*

«Nem todos os membros da igreja são chamados a trabalhar em países estrangeiros, mas todos têm uma parte a desempenhar na grande tarefa de apresentar a luz ao Mundo. No dia de Deus ninguém será desculgado por se ter fechado nos seus próprios interesses egoístas. Todo o que está relacionado com Deus transmitirá a luz a outros. Se alguém não tem luz para dar, é porque não tem ligação com a Fonte da luz.» — *E. G. White.*